Boletim da Rede Metalúrgicos

Número 03 – março de 2016



INTRODUÇÃO

O DIEESE apresenta o terceiro Boletim da Rede Metalúrgicos, uma produção que tem o objetivo de apresentar os principais resultados de 2015 do setor, no tocante aos indicadores da indústria e do emprego. O último ano não será lembrado com saudade, devido à queda expressiva da indústria de transformação, que encolheu 9,9% frente a 2014; ao crescimento do desemprego; diminuição da renda; redução do crédito; juros estratosféricos; desvalorização da moeda brasileira; aumento dos preços monitorados e, também da inflação, um conjunto de fatores que marcou a trajetória dos indicadores econômicos. O setor metalúrgico não ficou de fora desta dinâmica, e registrou queda da produção em todos os segmentos a eles relacionados.

A desvalorização cambial média de 42%, em 2015, abriu a possibilidade de o aumento das exportações compensar, ao menos parcialmente, a recessão doméstica, mas essa possibilidade não se efetivou. A despeito do crescimento das exportações de autoveículos em 24,9% e do setor siderúrgico de 39,0%, as outras atividades não registraram incremento significativo. Se, por um lado, o câmbio ainda não aumentou as exportações de forma expressiva, por outro, contribuiu para a diminuição das importações, o que, combinado com a baixa demanda doméstica, resultou na melhora dos déficits das balanças comerciais setoriais. A região da América Latina ganhou espaço na balança comercial do setor metalúrgico, em detrimento da queda da participação da Europa e outras regiões, como a China.

Em resumo, os segmentos do setor metalúrgico ligados aos bens de consumo duráveis foram os que registraram as maiores quedas no acumulado do ano, como se verificou com os eletroeletrônicos e os veículos automotores, reflexos da queda do nível de emprego e da renda, em 2015. As regiões Sul e Sudeste foram marcadas pela maior retração e, por consequência, foram as que tiveram grande número de trabalhadores desligados dos postos de trabalho. O estado do Amazonas também contribuiu para a queda, por responder por boa parte da produção de equipamentos de informática. O segmento automotivo diminuiu a produção, principalmente, a de caminhões e ônibus, o que impactou o segmento de autopeças, na fabricação de cabines. Foi notável a queda de produção das principais montadoras, mas também, houve aumento significativo de vendas daquelas direcionadas para a alta renda.

De fato, os problemas econômicos se agravaram ao longo do ano, principalmente na indústria, em parte como consequência da contaminação da economia pela instabilidade política vigente e do cenário internacional desfavorável. A política econômica caracterizada pela elevação da taxa de juros e pelo aperto fiscal, não apresentou os resultados esperados em 2015, aumentando os gastos com os juros da dívida e deteriorando o mercado de trabalho.

O reflexo da recessão sobre o emprego fez-se sentir com a perda de 1,6 milhões de postos de trabalho com carteira assinada no país. A Indústria foi o setor econômico mais atingido, com 628,5 mil vagas fechadas e 278,4 mil delas referiam-se a trabalhadores metalúrgicos. Verifica-se a ocorrência de uma série de arranjos (licenças remuneradas, Programa de Proteção ao Emprego -

PPE, *lay-off*) para a manutenção do emprego em diversos segmentos do setor metalúrgico, porém a despeito de todo esforço - incluindo várias greves e paralisações - o medo de perder o emprego torna-se uma realidade. Para a reversão desse quadro, é condição essencial a retomada da atividade econômica, sem a qual os arranjos tendem a ficar cada vez mais frágeis e o horizonte daqueles que já perderam o emprego fica distante da recolocação.

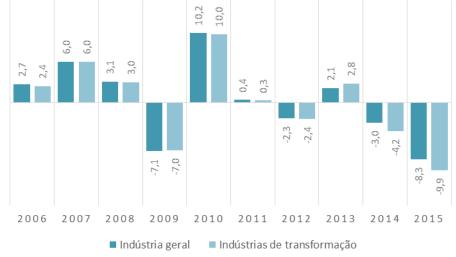
PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Em 2015, a produção industrial brasileira registrou a maior retração dos últimos 10 anos¹, com recuo na Indústria geral em -8,3% e na Indústria de Transformação em -9,9% (Gráfico 1), segundo os dados da Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na última década foi registrada diminuição da produção industrial em quatro anos (2009, 2012, 2014 e 2015).

GRÁFICO 1

Produção Física Industrial da Indústria e da Indústria de Transformação

Brasil, 2006 a 2015 (Base = ano anterior) (Em %)



Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física)

A crise na indústria de transformação verificada nos últimos anos teve reflexos no setor metalúrgico. No comparativo com 2009, ano da crise internacional, a indústria de transformação sofreu queda de 7,0% naquele ano, enquanto, em 2015, o recuo foi de 9,9%. Além da maior redução em 2015, os segmentos ligados ao setor apresentaram comportamentos diferentes. Em 2009, os principais segmentos que lideraram as quedas foram: máquinas e equipamentos (-27,4%); equipamentos de informática (-18,8%) e metalurgia (-17,6%). Já em 2015, a retração no setor foi puxada, principalmente, pelos segmentos de equipamentos de informática (-30,0%) e veículos automotores (-25,9%). Esse quadro evidencia que os segmentos do setor ligados aos bens de consumo durável registraram maior queda em 2015 em relação ao ano de 2009.

3

¹ A retração de 2015 é também a maior desde 2002, que é o ano de início da série histórica da pesquisa industrial mensal.

■ 2015 ■ 2009 Manutenção, reparação e instalação de máquinas e -8.4 O equipamentos -8,9 Metalurgia -17,6 Outros equipamentos de transporte, exceto 2,3 veículos automotores Produtos de metal, exceto máquinas e -11,4 -14,7 equipamentos -12,2 Máquinas, aparelhos e materiais elétricos -14,6 Máquinas e equipamentos Veículos automotores, reboques e carrocerias Equipamentos de informática, produtos eletrônicos -30 -18.8 e ópticos Indústrias de transformação

GRÁFICO 2
Produção Física Industrial - por seções e atividades industriais - Brasil – 2009 e 2015

Fonte: IBGE/ Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física

Entre os 14 estados da federação abrangidos pela pesquisa, a queda da produção industrial é generalizada em todos os segmentos metalúrgicos, com apenas as seguintes exceções: Metalurgia, com crescimento no Espírito Santo (14,4%) e Goiás (1,4%), e o segmento de Veículos automotores, reboques e carrocerias que variou positivamente na Bahia (6,5%). As maiores quedas deram-se no segmento de Equipamentos de informática e no de Veículos automotores e concentraram-se nas regiões Sul e Sudeste. No caso do primeiro segmento, Bahia (-54,9%), São Paulo (-27,9%) e Amazonas (-31,4) lideram a retração da produção; e no segundo segmento foi no Rio Grande do Sul (-33,9%), Minas Gerais (-33,1%), Rio de Janeiro (-32,8%), Paraná (-32,8%) e São Paulo (-22,6%) que ocorreram os principais recuos (ver Anexo – quadro 1).

ELETROELETRÔNICO

O segmento eletroeletrônico registrou queda na produção no acumulado de 2015, em razão da retração em todas as atividades industriais a ele ligadas. A redução foi de 30% puxada principalmente pelos equipamentos de informática e periféricos, com recuo de 42,7%; aparelhos de recepção, reprodução, gravação e amplificação de áudio e vídeo (-28,5%) e equipamentos de comunicação (-26,9%). O subsegmento elétrico que mostrou retração de -12,2%, apresentou queda acentuada na produção de lâmpadas e outros equipamentos de iluminação (-26,1%) e eletrodomésticos (-13,1%), conforme a Tabela 1.

TABELA 1
Produção Física Industrial – segmento eletroeletrônico – Brasil - 2015

Seções e atividades industriais (CNAE 2.0)	Acumulado do ano (Base: igual período do ano anterior)			
Segmento eletrônico	-30,0			
Componentes eletrônicos	-18,1			
Equipamentos de informática e periféricos	-42,7			
Equipamentos de comunicação	-26,9			
Aparelhos de recepção, reprodução, gravação e amplificação de áudio e vídeo	-28,5			
Aparelhos e instrumentos de medida, teste e controle; cronômetros e relógios	-8,7			
Segmento elétrico	-12,2			
Geradores, transformadores e motores elétricos	-12,9			
Pilhas, baterias e acumuladores elétricos	-5,2			
Equipamentos para distribuição e controle de energia elétrica	-9,3			
Lâmpadas e outros equipamentos de iluminação	-26,1			
Eletrodomésticos	-13,1			
Equipamentos e aparelhos elétricos não especificados anteriormente	-12,5			

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física

A expectativa de faturamento² do segmento para 2015 é de R\$ 148,3 bilhões, que, se efetivada, representará uma queda nominal de 4% com relação ao faturamento de 2014, que foi de R\$ 153,8 bilhões. As vendas mostraram recuo de aproximadamente 5% para os *smartphones* e de 76,0% para os celulares tradicionais, resultando em redução de 23,1% na comercialização de celulares³. O mercado de PCs e *tablets* diminuiu em 31,3%, entre janeiro e setembro de 2015, em comparação com o ano anterior. Esta queda, além de contar com a diminuição do nível de emprego e renda, foi ocasionada por mudanças de comportamentos em relação às novas tecnologias, como destaca a Abinee. Os *smartphones* vêm ganhando espaço em relação aos *tablets*, assim como os *tablets* ganharam espaço em relação aos *notebooks*.

O déficit no saldo na balança comercial no segmento eletroeletrônico vem se reduzindo, com a diminuição das importações em 23,6% e, também, com a retração das exportações em 9,7%, resultando em uma redução do saldo em 26,2%, no acumulado de 2015, em comparação com o mesmo período do ano anterior. A queda mais acentuada das importações foi percebida em todas as áreas, com destaque para telecomunicações (-31,5%). Os Componentes elétricos e eletrônicos, que representam o maior volume importando, tiveram redução de 24,7%. Quanto à exportação, as maiores quedas foram em Geração, transmissão e distribuição, em 23,4%. Por outro lado, houve aumento das exportações de material elétrico de instalação em 7,3%, atividade relacionada com o desempenho da indústria da construção civil.

² As informações sobre faturamento desse segmento são divulgadas pela Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee). Disponível em http://www.abinee.org.br/abinee/decon/decon/5.htm.

³ Considera o período de janeiro a setembro de 2015 em relação ao mesmo período de 2014, último dado divulgado. Cabe mencionar, que os meses de julho, agosto e setembro de 2015 mostraram trajetória positiva da comercialização dos celulares.

TABELA 2
Balança comercial – segmento eletroeletrônico – Brasil – 2015

US\$ FOB Milhões

	ı	Exportaçõe	es	I	mportaçõe	es	Saldo da Balança Comercial			
Setores	2014	2015	Variação anual %	2014	2015	Variação anual %	2014	2015	Variação anual %	
TOTAL	6.552,2	5.912,1	-9,77	41.158,1	31.434,5	-23,62	-34.605,9	-25.522,4	-26,25	
Automação industrial	563,8	494,6	-12,29	4.138,6	3.561,0	-13,96	-3.574,7	-3.066,4	-14,22	
Componentes elétricos e eletrônicos	2.879,6	2.685,8	-6,73	23.799,2	17.903,1	-24,77	-20.919,6	-15.217,3	-27,26	
Equipamentos industriais	1.369,5	1.259,4	-8,04	3.685,0	3.051,4	-17,19	-2.315,5	-1.792,1	-22,61	
Geração, transmissão e distribuição de energia elétrica	790,0	604,8	-23,44	1.372,9	957,0	-30,29	-582,9	-352,2	-39,58	
Informática	299,2	267,1	-10,75	2.467,0	1.722,1	-30,19	-2.167,8	-1.455,1	-32,88	
Material elétrico de instalação	97,5	104,6	7,34	958,6	717,6	-25,15	-861,2	-612,9	-28,83	
Telecomunicações	263,1	223,9	-14,88	2.852,9	1.952,3	-31,57	-2.589,8	-1.728,4	-33,26	
Utilidades domésticas	289,5	272,0	-6,06	1.883,9	1.570,0	-16,66	-1.594,3	-1.298,0	-18,58	

Fonte: Abinee. Elaboração DIEESE

AUTOMOTIVO

Em 2015, a produção de autoveículos⁴ registrou o volume de 2,4 milhões de unidades, recuando 22,7% em relação a 2014, quando alcançou a marca de 3,1 milhões... Da mesma forma que a produção, o licenciamento total reduziu em 26,6%, no acumulado do ano. A queda mais acentuada foi na comercialização do segmento de caminhões, com retração de 47,7%, seguida dos ônibus (-38,9%) e dos veículos leves (-33,6%). Com este resultado, o país ficou na sétima posição do *ranking* mundial de vendas, atrás de países como a China, EUA, Japão, Alemanha, Índia, Grã Bretanha. Em 2014, o país ocupava a quarta posição em vendas.

⁴ Comerciais leves, caminhões e ônibus.

TABELA 3

Produção, exportação e licenciamento de autoveículos – Brasil – 2014 e 2015

Autoveículos	2015	2015 2014		Percentual de representação							
			2015/2014	2015	2014						
Produção total de autoveículos											
Total	2.453.622	3.172.750	-22,7	100	100						
Automóveis	2.017.831	2.504.117	-19,4	82,2	78,93						
Comerciais leves	332.446	487.751	-31,8	13,5	15,37						
Caminhões	77.686	143.660	-45,9	3,2	4,53						
Ônibus	25.659	37.222	-31,1	1,0	1,17						
	Exportaç	ões de veí	culos								
Total	417.332	334.219	24,9	100	100						
Automóveis	316.537	263.604	20,08	75,85	78,87						
Comerciais leves	72.486	46.270	56,66	17,37	13,84						
Caminhões	20.984	17.737	18,31	5,03	5,31						
Ônibus	7.325	6.608	10,85	1,76	1,98						
Licenciar	nento total de v	eículos na	cionais e impo	rtados							
Total	2.568.976	3.498.012	-26,6	100	100						
Automóveis	2.122.956	2.794.687	-24,0	82,64	79,89						
Comerciais leves	357.573	538.792	-33,6	13,92	15,40						
Caminhões	71.655	137.059	-47,7	2,79	3,92						
Ônibus	16.792	27.474	-38,9	0,65	0,79						

Fonte: Anfavea. Anuário 2016. Elaboração DIEESE

As exportações de autoveículos montados apresentaram aumento de 24,8% no acumulado do ano, em razão do crescimento das exportações de veículos leves (56,6%), automóveis (20,0%), caminhões (18,3%) e ônibus (10,8%). Com isso, as exportações alcançaram o volume de 417.332 mil unidades (83.113 autoveículos a mais em relação ao ano de 2014, quando exportou 334.219 mil). Os países que mais contribuíram para as exportações dos autoveículos foram: Argentina (1,51%), México (55,7%), Estados Unidos (36,3%) e Coréia do Sul (25,0%). Outros países como a China (-85,7%), Japão (-69,2%) e a União Europeia (-66,2%) reduziram suas exportações em relação ao ano anterior.

A despeito da queda tanto do nível de produção e do licenciamento, verificam-se dois comportamentos em relação às montadoras. É verdade que para as empresas que concentram boa parte do mercado automobilístico não foi positivo. As empresas como Fiat, GM, Volks e Ford, que representam em torno de 60% das vendas, registraram juntas queda de 30,0% nos licenciamentos em relação a 2014. Apesar de 2015 ser pouco animador, algumas empresas registraram crescimento no licenciamento, tais como: Chrysler (527,9%), Lexus (64,1%), Mercedes-Benz (47,1%), e em caminhões, como Metro-Shacman (8.117,6%), Ford (190,3%), DAF (72,4%). A alta concentração de renda no país pode ajudar a explicar este comportamento. (Ver Anexo – quadro 2)

CHRYSLER 527,9 **LEXUS** 64,1 47,1 **MERCEDES-BENZ** 40,5 **AUDI** HONDA AUTOMÓVEIS 11,2 3,9 **BMW** -5,9 **TOYOTA** -8,7 **NISSAN** -8,9 **HYUNDAI MOTOR** FORD MOTOR (FORD) -16,3 -24,2 **RENAULT** -26,9 CAOA - HYUNDAI **FIAT AUTOMOVEIS** -29,7 **MITSUBISHI** -31,4 -32,8 **GENERAL MOTORS PEUGEOT CITROEN** -38,4 **VOLKSWAGEN** -38,4 **MAHINDRA** -66,7 -100,0 100,0 200,0 300,0 400,0 500,0 600,0 0,0

GRÁFICO 3
Licenciamento total de automóveis por empresa – Brasil – 2015

Fonte: Anfavea. Elaboração DIEESE

O ano de 2015 também foi marcado pela redução do crédito direcionado, aumento dos preços dos carros e taxas maiores de juros para aquisição de veículos, o que contribuiu para não impulsionar as vendas. O crédito direcionado recuou 12% em termos nominais e os preços dos automóveis novos registraram aumento de 4,84%. A desvalorização da moeda brasileira e o comportamento dos juros contribuíram, em parte, no aumento destes preços. Por outro lado, no caso dos automóveis usados, houve retração de 2,46%, mas a comercialização registrou estabilidade em relação a 2014⁵.

Os juros para aquisição de veículos na modalidade pré-fixado apresentaram aumento não homogêneo. O banco da Mercedes-Benz, que no início de 2015 cobrava uma taxa de 7,42% a.a, passou a 16,85% no final do ano, com alta de 9,43 p.p (127%). Já o Banco Honda S.A, que registrava taxa de 23,57% em janeiro, passou a cobrar 24,17%, aumentando em 0,6 p.p (2,55%) no mesmo período. Outros, como o banco Santander - que registrou a maior taxa em relação aos grandes bancos - mostrou variação de 28,32% em dezembro de 2015, incrementando a taxa em 4,79 p.p. (20,36%).

8

 $^{^{5}}$ Houve queda de 0,19% a comercialização dos veículos usados, em relação ao ano de 2014.

TABELA 4

Taxas de juros pré-fixado – Aquisição de veículos – janeiro e dezembro -2015

Instituição	Jan	eiro	Deze	Variação	
iiistituição	% a.m.	% a.a.	% a.m.	% a.a.	anual
Bco Honda S.A.	1,78	23,57	1,82	24,17	2,55
Bco Santander S.A.	1,78	23,53	2,1	28,32	20,36
Bco do Brasil S.A.	1,68	22,11	1,96	26,21	18,54
Bco Bradesco S.A.	1,88	25,1	2,01	26,97	7,45
Itaú Unibanco BM S.A.	1,86	24,71	2,06	27,75	12,30
Caixa Econômica Federal	1,61	21,14	2,00	26,88	27,15
Bco Volkswagen S.A	1,29	16,56	1,43	18,62	12,44
Bco Toyota do Brasil S.A.	1,11	14,1	1,48	19,26	36,60
Bco Mercedes-Benz S.A.	0,6	7,42	1,31	16,85	127,09

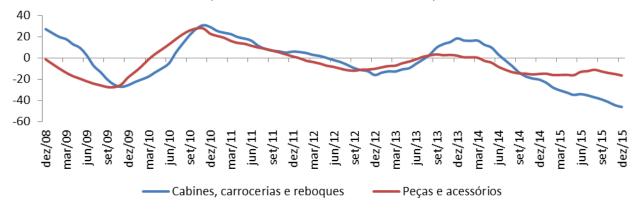
Fonte: Banco Central. Elaboração DIEESE.

Apesar dos resultados negativos, a expectativa para 2016, segundo Luiz Moan, presidente da Anfavea é que a produção registre estabilidade em comparação com 2015, e que as exportações aumentem, em função do momento cambial oportuno.

AUTOPEÇAS

A fabricação de Peças e acessórios para veículos automotores reduziu em 16,6%, no acumulado de 2015, em relação ao ano anterior, e a Fabricação de cabines, carrocerias e reboques registrou queda de 46,3%. A retração acentuada da produção de caminhões e ônibus tem reflexo direto sobre a queda expressiva em Fabricação de cabines, enquanto o resultado em Peças e acessórios está relacionado à dinâmica da produção de veículos. Em 2009, quando a crise internacional atingiu a economia brasileira, a queda atingiu o segmento de autopeças de maneira generalizada; em 2015, a diminuição neste segmento deu-se principalmente em relação à produção voltada para os caminhões e ônibus.

TABELA 5
Produção Física Industrial, segmento de autopeças – Brasil - 2009 a 2015
(Acumulado nos últimos 12 meses)



Fonte: IBGE. Elaboração DIEESE

Segundo as empresas associadas ao Sindipeças, houve queda no faturamento de 14,8% em razão da diminuição das vendas para as montadoras e intrassetoriais que mostraram retração de 25,4% e 27,8%, respectivamente. Em contrapartida as vendas para os negócios com reposição aumentaram em 4,7% e as exportações mostraram crescimento expressivo em 16,3%. Com isso, a participação das exportações no faturamento aumentou 9,6 pontos percentuais, em 2015, e para a reposição cresceu 4,3 pontos percentuai. Já o faturamento para as montadoras apresentou queda de 13,2 pontos percentuais na participação.

Houve melhora no déficit comercial no setor de autopeças, que apresentou redução da importação em 24,1% e queda das exportações em 9,4%⁶. As exportações alcançaram o volume de US\$ 7,6 bilhões (em 2014 o valor era de US\$ 8,3 bilhões) e as importações foram de US\$ 13,2 bilhões (quando no ano anterior chegaram a US\$ 17,3 bilhões). Esta queda tanto das exportações quanto das importações foi percebida entre os principais parceiros comerciais⁷.

MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS

O segmento de máquinas e equipamentos agrícolas apresentou um ano desfavorável em relação aos indicadores de produção, vendas e exportações no comparativo com o período imediatamente anterior. Segundo os dados da Abimaq, a receita líquida registrou variação negativa de 14,4%, em consequência da queda acentuada da receita interna em 23,0%. As receitas relacionadas ao mercado externo, mesmo com a desvalorização, não registraram melhora.

TABELA 6
Indicadores do segmento de máquinas e equipamentos – Brasil - 2015

Indicadores	2014	2015	Var. %
Receita líquida total	99.167,58	84.873,12	-14,4
Vendas no mercado interno	74.023,44	56.980,23	-23,0
Exportação	9.581,01	8.030,15	-16,2
Importação	24.549,92	18.818,40	-23,3
Saldo da balança comercial	-14.968,91	-10.788,25	-27,9

Fonte: Abimaq. Elaboração DIEESE

As exportações de máquinas e equipamentos diminuíram em 16,2% no acumulado do ano; no entanto, nos últimos dois meses (novembro e dezembro) de 2015, houve trajetória positiva. O setor de máquinas e equipamentos de infraestrutura e indústria de base foi o único que registrou aumento, de 8,3%, neste segmento. Os principais destinos das exportações foram América Latina

⁶ Houve queda das exportações medidas em dólares, com a desvalorização da moeda e um incremento nos valores em reais, o que mostra o crescimento da participação das exportações no faturamento do setor.

⁷ Segundo os dados do Sindipeças, a queda das exportações ocorreu nos países com maior participação no segmento, como Argentina (-10,3%), Estados Unidos (-4,4%), México (-5,2%) e Alemanha (-14,2%) que registraram redução no volume exportado, quando comparado com o ano de 2014. As importações também registraram queda entre os principais parceiros comerciais. Entre os 20 principais países, a queda foi de 24,3% (eles representam juntos 93,14% das importações). Os de maior destaque, tais como: Estados Unidos (-16,8%), China (-15,5%), Japão (-17,18%), Alemanha (-36,4%) e Coreia do Sul (-20,9%) registraram maior queda.

(que ganhou participação relativa em função do desaquecimento da economia Europeia), Europa e Estados Unidos.

Sobre as importações, houve queda de 23,3% em 2015, quando comparado com o ano anterior. A queda das importações não foi canalizada para consumo dos produtos nacionais, visto a diminuição nas vendas do mercado interno. Em dezembro de 2015, houve aumento das importações de máquinas para a indústria de transformação (2,4%) e, também, de máquinas para petróleo e energia renovável (33,1%). As importações de máquinas e equipamentos concentram-se em países como EUA, Alemanha, Itália, Japão, China, Coréia e Espanha. Cabe destacar que, em 2015, a China perdeu participação relativa no mercado brasileiro. Com isso, a balança comercial registrou melhora no saldo, em razão da redução mais acentuada das importações do que crescimento das exportações.

Em relação às máquinas agrícolas, a produção variou negativamente em 33% no comparativo com 2014. A produção, que foi de 82.309 unidades, passou para 55.262 unidades. Os principais resultados negativos foram apresentados por Tratores de Esteiras, com queda de 49% e Colheitadeiras, também com diminuição de 49%. A produção de Tratores de Roda, responsável por 80% do total, teve queda de 32%. Houve redução de 26% para Cultivadores Motorizados, e de 20%, para Retroescavadeiras.

TABELA 7
Produção, vendas e exportação de máquinas agrícolas por tipo de máquina
Brasil – 2014 e 2015

			Diasii	2017 6 2	-010					
		Produçã	0	Ve	ndas inte	rnas	Exportações			
Tipo de máquina	2014	2015	Variação anual	2014	2015	Variação anual	2014	2015	Variação anual	
Cultivadores Motorizados	1.566	1.162	-26%	1.553	1.059	-32%	5	82	1.540%	
Tratores de Roda	64.783	44.349	-32%	55.612	37.381	-33%	9.418	7.338	-22%	
Tratores de Esteira	2.756	1.413	-49%	835	380	-54%	1.869	885	-53%	
Colheitadeiras	7.623	3.889	-49%	6.448	3.917	-39%	1.026	383	-63%	
Retroescavadeiras	5.581	4.449	-20%	4.161	2.258	-46%	1.423	1.389	-2%	
Total	82.309	55.262	-33%	68.609	44.995	-34%	13.741	10.077	-27%	

Fonte: Anfavea. Elaboração DIEESE

As vendas internas diminuíram no montante de 34%, passando de 68.609 unidades em 2014, para 44.995 unidades, em 2015. Todos os modelos de máquinas agrícolas apresentaram queda superior a 30% no período, e o destaque negativo foi Tratores de Esteira, com queda de 54%, seguido de Retroescavadeiras, com diminuição de 46%. As Colheitadeiras ficaram em terceiro

lugar, com queda de 39%, vindo a seguir os Tratores de Roda, responsáveis por 81% das vendas internas, que apresentou queda de 33% e os Cultivadores Motorizados, com queda de 32%.

As Exportações também apresentaram queda no período, no montante de 27%, passando de 13.741 unidades exportadas em 2014, para 10.077 em 2015. Dos cinco modelos analisados, quatro apresentaram diminuição. As Colheitadeiras foram as principais responsáveis pela queda nas exportações, com diminuição de 63% no período, seguido de Tratores de Esteira (-53%) e Tratores de Roda (-22%). As Retroescavadeiras mantiveram o nível de exportação relativamente estável, com queda de 2%, já os Cultivadores Motorizados, apesar de terem pouca representatividade, tiveram aumento nas exportações, passando de cinco unidades vendidas para 82.

EMPREGO

Entre janeiro e dezembro de 2015, o mercado de trabalho encolheu com a eliminação de 1,6 milhões de postos de trabalho (sem os reajustes)⁸. A indústria representou 38,7% desta redução, seguida pela Construção Civil (25,5%), Serviços (20,3%), Comércio (15,2%) e Agropecuária (0,4%).

GRÁFICO 4
Comportamento do saldo do emprego - janeiro a dezembro - 2015

IBGE Gr Setor	Saldo entre admitidos e desligados	Em percentual (%)
Indústria	-628.518	38,7
Construção Civil	-414.092	25,5
Comércio	-246.406	15,2
Serviços	-330.684	20,3
Agropecuária, extr vegetal, caca e pesca	-5.851	0,4
Total	-1.625.551	100

Fonte: MTPS/Caged –. Elaboração DIEESE

O setor metalúrgico que representou 44,2% do saldo entre admitidos e desligados na indústria e 17,1% do total do saldo do mercado de trabalho, registrou queda generalizada em todos os segmentos do setor. Em 2015, a metalurgia apresentou saldo negativo de 278.396 postos de trabalho. Esta queda foi acentuada, principalmente em razão dos segmentos de veículos automotores, reboques e carrocerias que mostrou queda de 65.637 unidades, produtos de metal, com -55.983, máquinas e equipamentos, -47.787 e equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos -32.002, segmentos que concentram 72,3% da redução do setor metalúrgico.

Em relação ao estoque de empregos de 2014, o setor metalúrgico perdeu cerca de 12% dos postos de trabalho. Os principais segmentos que puxaram a redução do estoque foram: equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos com queda de 19,1%, seguido de veículos automotores com -13,4%, e máquinas, aparelhos e materiais elétricos com -12,6%.

_

 $^{^{\}rm 8}$ Considerando os valores ajustados a redução foi de 1.542.371 empregos formais.

TABELA 8
Estoque de emprego 2014 e saldo de movimentação (janeiro a dezembro – 2015)
setor metalúrgico – Brasil

Sctor including	gico Diasii			
Segmentos	Estoque 2014	Caged (jan-dez 2015)	Saldo	2015/2014 (%)
	(A)	(B)	(A-B)	(B/A)
Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias	489.279	65.637	423.642	-13,42
Produtos de Metal, Exceto Máquinas e Equipamentos	509.829	55.983	453.846	-10,98
Máquinas e Equipamentos	408.118	47.787	360.331	-11,71
Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	167.344	32.002	135.342	-19,12
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	224.188	28.203	195.985	-12,58
Metalurgia	236.904	21.445	215.459	-9,05
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipamentos	188.781	13.845	174.936	-7,33
Outros Equipamentos de Transporte, Exceto Veículos Automotores	111.719	13.494	98.225	-12,08
Total	2.336.162	278.396	2.057.766	-11,92

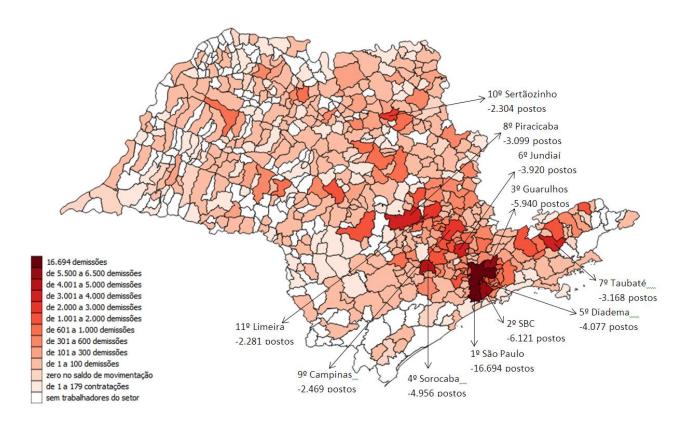
Fonte: MTPS/Caged. Elaboração DIEESE

As regiões que registraram as maiores diminuições no número de postos de trabalho do setor foram Sudeste (640%) e Sul (22,7%) totalizando 86,7% da destruição dos postos de trabalho. Os estados que lideraram a queda foram: São Paulo (-118.418), Minas Gerais (-34.174), Rio Grande do Sul (-29.151), Rio de Janeiro (-24.727) e Amazonas (-22,011), o que corresponde a 82% da redução de postos de trabalho. Saldo positivo de postos de trabalho foi verificado em Sergipe (203)⁹, Tocantins (31), Roraima (24). (Ver anexo – Mapa 2).

A região, no estado de São Paulo, que registrou o maior número de desligamentos de postos de trabalho no setor metalúrgico foi a cidade de São Paulo com redução de 16.694 postos, seguido por São Bernardo do Campo, com -6.121 postos; Guarulhos (-5.940); Sorocaba (-4.956); Diadema (-4.077); Jundiaí (-3.920); Taubaté (-3.168); Piracicaba (-3.099); Campinas (-2.469); Sertãozinho (-2.304) e Limeira (-2.281).

Ο.

⁹ O saldo positivo é resultado, principalmente, do segmento de veículos automotores, reboques e carrocerias e manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos que registraram a criação de 473 e 45 postos de trabalho, respectivamente. A queda foi registrada no segmento de produtos de metal e máquinas e equipamentos -249 e -29 postos de trabalho. O município de destaque na região foi o de Nossa Senhora do Socorro.



MAPA 1 Número de demissões por município – estado de São Paulo – 2015

Fonte: MTPS/Caged. Elaboração DIEESE

Tanto as pequenas quanto as grandes empresas reduziram os postos de trabalho no setor. As empresas com 1.000 ou mais trabalhadores (as) apresentaram saldo negativo de 85.604 (30,7% do saldo total), seguido das empresas de 100 a 249 trabalhadores que mostraram queda de 46.404 postos de trabalho (16,6% do saldo total) e as empresas com de 20 a 49 trabalhadores, registraram redução de 33.424 postos, ou seja, 12,0%.

A faixa etária dos trabalhadores desligados do setor metalúrgico está concentrada entre 30 a 39 anos, o que representam 34,4% do saldo de movimentação. Os trabalhadores entre 25 a 29 anos representam 20,3% e os trabalhadores entre 40 a 49 anos representam 18,9%.

Em relação à escolaridade, 54,1% dos trabalhadores desligados possuíam ensino médio completo, 13,7% fundamental completo e 9,7%, ensino médio incompleto, indicando que o desemprego no setor metalúrgico atingiu, em sua maioria, trabalhadores com baixo nível de escolarização e, no geral, adultos. Segue abaixo algumas características do perfil geral dos trabalhadores desligados no setor, em 2015:

- ✓ 77,8% dos desligados são do sexo masculino, e 22,1% do sexo feminino, considerando o saldo de movimentação total;
- ✓ O desligamento por demissão sem justa causa representa 84,6% do total; 13,0% representam os desligamentos a pedido;
- ✓ 79,2% dos desligados estão concentrados na faixa salarial de até 4 SM.

ANEXO

QUADRO 1 Produção Física Industrial, por seções e atividades industriais – Brasil e Unidade da Federação – 2015 (Base: Igual período do ano anterior) Em %

ı euci a	i ederação – 2013 (base, igual periodo do ano anterior) Em 76													
Seções e atividades industriais	BR	AM	PA	CE	PE	BA	MG	ES	RJ	SP	PR	SC	RS	GO
Metalurgia	8,9	-	0,8	16,5	10,5	11,8	4,5	14,4	8,8	13,0	-	25,5	19,7	1,4
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	11,4	5,7	-	7,2	18,1	-	10,3	-	12,5	7,0	9,5	6,2	9,0	19,7
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	30,0	31,4	-	-	-	54,9	-	-	-	27,9	-	-	-	-
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	12,2	15,8	-	9,5	9,9	-	-	-	-	10,8	12,5	21,6	-	-
Máquinas e equipamentos	14,6	22,0	-	-	-	-	38,0	-	-	13,8	8,4	13,0	26,3	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	25,9	-	-	-	-	6,5	33,1	-	32,8	22,6	32,8	11,0	33,9	25,7
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	9,4	17,6	-	-	26,7	-	-	-	6,4	4,6	-	-	-	-
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	8,4	-	-	-	-	-	-	-	9,0	-	-	-	-	-

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física

QUADRO 2 Empresas com taxas positivas de licenciamento em 2015

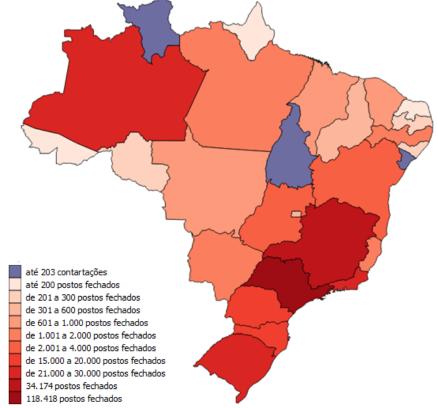
Empresas	Em (%)						
Automóveis							
Chrysler	527,9						
Lexus	64,1						
Mercedes-Benz	47,1						
Subaru	45,6						
Audi	40,5						
Honda automóveis	11,2						
BMW	5,3						
Caminhões	3						
Metro-Shacman	8.117,6						
DAF	72,4						
Caoa - Hyundai	28,5						
Ônibus (chassi)							
Iveco	62,4						
Fonte: Anfavea. Elaboração DIEESE							

QUADRO 3 Produção e vendas do segmento siderúrgico - 2014 e 2015

produção de aço - (mil ton.)									
Região	2014	2015	Var. %						
Mundo	1.647.232	1.599.037	-3%						
Brasil	33.897	33.245	-2 %						
vendas no mercado interno (mil ton) - Brasil									
Produtos	2014	2015	Var. %						
Laminados	21.300	17.845	-16%						
Semi-Acabados	409	361	-12%						
Total	21.708	18.206	-16%						
vendas no mercado	externo (mil t	on) - Brasil							
Produtos	2014	2015	Var. %						
Laminados	3.240	4.732	46%						
Semi-Acabados	2.074	3.500	69%						
Total	9.605	13.311	39%						

Fonte: laBr. Elaboração: DIEESE

MAPA 2 Mapa do desemprego no setor metalúrgico - Brasil - 2015



Fonte: Caged. Elabora DIEESE



Rua Aurora, 957 – 1º andar CEP 05001-900 São Paulo, SP

Telefone (11) 3874-5366 / fax (11) 3874-5394

E-mail: en@dieese.org.br www.dieese.org.br

Direção Executiva

Presidente: Zenaide Honório

Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo - SP

Vice-presidente: Luís Carlos de Oliveira

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo Mogi das

Cruzes e Região - SP

Secretário Executivo: Antônio de Sousa

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região - SP

Diretor Executivo: Alceu Luiz dos Santos

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material Elétrico de Veículos e

Peças Automotivas da Grande Curitiba - PR Diretor Executivo: Bernardino Jesus de Brito

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo - SP

Diretora Executiva: Cibele Granito Santana

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de Campinas - SP

Diretor Executivo: Josinaldo José de Barros

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Materiais Elétricos de Guarulhos Arujá

Mairiporã e Santa Isabel - SP

Diretora Executiva: Mara Luzia Feltes

Sindicato dos Empregados em Empresas de Assessoramentos Perícias Informações Pesquisas e de Fundações Estaduais

do Rio Grande do Sul - RS

Diretora Executiva: Maria das Graças de Oliveira

Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Estado de Pernambuco - PE

Diretor Executivo: Nelsi Rodrigues da Silva Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - SP

Diretor Executivo: Paulo de Tarso Guedes de Brito Costa

Sindicato dos Eletricitários da Bahia - BA **Diretora Executiva: Raquel Kacelnikas**

Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região - SP

Diretor Executivo: Roberto Alves da Silva

Federação dos Trabalhadores em Serviços de Asseio e Conservação Ambiental Urbana e Áreas Verdes do Estado de

São Paulo - SP

Direção Técnica

Clemente Ganz Lúcio – Diretor Técnico

 ${\bf Patr\'icia\ Pelatieri}-{\bf Coordenadora\ Executiva}$

Rosana de Freitas – Coordenadora Administrativa e Financeira

Nelson de Chueri Karam – Coordenador de Educação

José Silvestre Prado de Oliveira – Coordenador de Relações Sindicais

Airton Santos – Coordenador de Atendimento Técnico Sindical

Angela Schwengber – Coordenadora de Estudos e Desenvolvimento

Equipe Técnica Responsável

Carolina Gonçalves

Cristiane Tiemi

Cristina Vieceli,

Marcelo Figueiredo

Renata Belzunces

Ricardo Tamashiro